

A valorização da literatura paranaense em sala de aula

Rosane Nicaretta¹

Resumo: Pretende-se, com este trabalho, analisar a produção literária paranaense a partir dos pressupostos teóricos da Crítica Sociológica e Estética da Recepção, através de recortes que remetem ao conjunto de obras possibilitando uma visão panorâmica da obra e temática de autores como Jamil Snege, Helena Kolody, Adélia Maria Woellner, João Manuel Simões, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Cristovão Tezza, Dalton Trevisan e Domingos Pellegrini. Tem-se o objetivo de estudar os efeitos éticos, sociais, psicológicos da produção literária, bem como a influência do momento histórico sobre seu tempo e leitores, conduzindo alunos leitores ao diálogo com os autores, ao uso da memória, além do pleno desenvolvimento de habilidades orais e escritas, tendo na leitura um aparato seguro para a compreensão, leitura do mundo e da modernidade na qual estão inseridos, além da descoberta de si mesmos.

Palavras – chaves: Literatura. Autores Paranaenses. Identidade.

Abstract: The objective this work is to analyse the literary production in Paraná from theoretical premises of Sociological Criticism and Aesthetic of Reception, through fragments that lead to a group of works making possible a panoramic view of works and themes of authors like Jamil Snege, Helena Kolody, Adélia Maria Woellner, João Manuel Simões, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Cristovão Tezza, Dalton Trevisan and Domingos Pellegrini. Considering the objective of studying ethical, social and psychological effects of the literary production, as well as the influence of the historical moment on their time and readers, leading reader students to the dialogue with authors, use of memory, apart from the complete development of oral and written skills, having in reading a secure tool for comprehension and reading over the world and modernity in which they are inserted, beyond the discovery of themselves.

Key words: Literature. Authors in Paraná. Identity.

INTRODUÇÃO

Algumas dificuldades podem ser percebidas em relação às aulas de literatura no Terceiro ano do Ensino Médio, em parte porque, neste período, existe uma vasta, rica, complexa e até polêmica literatura como, por exemplo, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, sem falar dos autores emergentes e bem atuais, os quais, muitas vezes, são desconhecidos entre os próprios professores de Literatura, o que pode não significar responsabilidade do professor, mas alguns entraves próprios da área, como um grande número de leituras da produção textual dos alunos. Se, às vezes, falta conhecimento da Literatura Nacional, mais falta sobre os Escritores do Estado do Paraná. O que se propõe é saber se há uma literatura de valor a ser posta lado a lado com escritores de renome do país. Se o escritor resgata e retrata a história dos paranaenses e, de maneira especial, as diversidades de cultura e etnias, a própria formação, a riqueza da terra vermelha e da alma de sua gente, com toda sua

complexidade e as contradições próprias do sistema capitalista implantado neste Estado com o sonho de aqui encontrar o ouro verde. É o que se pretende investigar.

Há um jeito próprio de recriar essa realidade tão nova, após o caos das máquinas, queimadas, indústrias, capitalismo, revoltas, guerras, autoritarismo? Uma vez que, com exceção de algumas cidades, o que se observa é a modernidade presente nas estruturas das cidades, na arquitetura das casas e edifícios. Mas, por ser este um Estado colonizado há tão pouco tempo, há muitos que ainda podem contar da beleza límpida dos rios, do multicolorido dos pássaros, borboletas e flores, da diversidade de sons e cheiros que brotavam juntamente com águas?

E ainda, se tem o Paraná escritores de refinada sensibilidade para as letras, os quais não vêem na obra de arte tão somente mais um produto para o consumo de massa. São eles capazes de trazer à tona a alma, a identidade própria de ser paranaense, de dar voz àqueles que aqui geram riqueza? Como retratam o homem da Terra Vermelha? Que reflexões propõem sobre essa rápida modernidade? Há vigor e sentido no que produzem?

Como levar os alunos, através dessas obras e autores, a pensarem as próprias questões existenciais, expectativas ou frustrações? Como aproximá-los de obras literárias e, por meio delas, despertar também o gosto para outras leituras como as oferecidas em história, geografia, filosofia, antropologia, ecologia, sociologia, artes e outras, além de despertá-los, também, para uma vastidão de oportunidades nas respectivas disciplinas mencionadas, com as quais trabalham os professores das demais áreas? Lendo *Terra Vermelha*, de Domingos Pellegrini, teriam os estudantes uma visão própria de ser e de pertencer ao Paraná? Seriam incentivados, como o autor de "*Chove sobre minha infância*," Miguel Sanches Neto, pelos professores de Língua Portuguesa a serem os escritores de amanhã ou, simplesmente, pessoas mais completas porque influenciadas por uma literatura de valor?

Este estudo deseja abordar ainda o romance paranaense, enfocando mais especificamente a região de Londrina, uma vez que nela está representada a história do Paraná que, em alguns aspectos assemelha-se a outras regiões, como a do Oeste, isto é, processo de colonização identificado ao londrinense que, na década de 50, "tornou-se a principal cidade da área produtora de café, localizada na região norte do Estado do Paraná e com uma população superior a 100 mil habitantes" (ROLIM, 1999, p.03), além de alguns recortes de outros autores que

remetem ao conjunto da produção do Estado, possibilitando uma visão panorâmica das obras.

Objetiva-se atentar para como, enquanto professores de Língua Portuguesa, cada um se reconhece na questão da leitura. Pretende-se estudar como a literatura influencia a sociedade e vice-versa e, na medida do possível, quais são os efeitos éticos, sociais, psicológicos da produção literária, qual a influência do momento histórico sobre o tempo e seus leitores, que valores são apresentados nas obras estudadas e quais seriam as aspirações de seus autores. O trabalho é direcionado à busca do prazer pela leitura, para gerar também a satisfação de necessidades culturais, espirituais e humanas.

Deseja-se, a partir dos autores estudados, a busca da percepção de si mesmo e do outro, reconhecer as realidades criadas em algumas obras como a poesia, o conto, a crônica e o romance, pensar a própria história inserida no contexto histórico paranaense, verificando até que ponto o escritor paranaense denuncia e reflete os atos praticados pelo homem a favor ou contra si mesmo e para com a natureza, se pesquisam a vida e os problemas brasileiros. Quais as marcas do olhar do escritor paranaense? Que tratamento é dado à gente e à natureza deste Estado? Tais indagações resultam daquilo que observa Antônio Candido, em *Literatura e Sociedade*, ao mencionar que “a literatura como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2000, p.12).

Verificar como, num contexto histórico próprio, em tão pouco tempo, o Paraná avançou para a modernidade, trazendo no próprio corpo as marcas dessa mudança. No momento em que se fazia a propaganda das terras do Norte do Estado, com a promessa de um futuro grandioso nesse espaço-sertão, porque pleno de mata serrada, de madeira de lei, de olhos d'água brotando da terra e solo mais do que fértil, porém, futuro que não se realizou para todos, pois alguns ficariam à margem desse processo de enriquecimento, como índios, caboclos e posseiros, homens comuns que apareciam de toda parte e outros tipos marginalizados, onde, ainda, segundo Rolim “a política desenvolvimentista acabou frustrando as expectativas daqueles que esperavam colher os prometidos frutos sociais, pois os desníveis, ao invés de desaparecerem acabaram se acentuando” (ROLIM, 1999, 02). Nas terras antes pertencentes, principalmente, aos índios kaingangues, os quais as perderam também para os “bravos bandeirantes”, dentro desse sistema capitalista em que

emergiam os novos ricos, ostentando sua riqueza e poder, cuja expressão manifestou-se na organização de ruas, praças, avenidas, palacetes, cinemas, clubes e aeroportos. Surgiam, por outro lado, elementos anônimos e indesejáveis, dos quais a sociedade burguesa almejava poder se livrar. Desse modo, juntamente com o acúmulo de riquezas surgiam cidades marcadas por tensões e conflitos sociais, onde alguns, pelo dinheiro que tinham, eram chamados de doutores; outros, no entanto, viviam no anonimato, na marginalidade, na mendicidade e na vida de prostituição, freqüentando os lugares arborizados, suas praças e avenidas; muitas, bem planejadas, às quais eram presença marcante de modernidade. Esses indivíduos eram uma ameaça para a grandeza daqueles que se tinham como trabalhadores pelo tanto que construíram em tão pouco. Não obstante, a história nos diz:

Numa sociedade que estava presente o imaginário de valorização do trabalho e a idéia de que através dele, se tornaria proprietário, senão de imediato pelo menos como o decorrer do tempo, a existência da mendicidade e, no momento, sua acentuada multiplicação, não podia ser tolerado. O grande espaço ocupado nos periódicos com manchete de primeira página, artigos de leitores, notas de colunistas e matérias extensas demonstrava que essa prática causava um certo constrangimento ao colocar uma nódoa na imagem de cidade moderna e progressista. (ROLIM, 1999, p. 61).

Com o estudo da obra *Terra Vermelha*, do escritor paranaense Domingos Pellegrini, bem como dos demais homens e mulheres que dedicaram parte de suas vidas a pensar nossa realidade: poetas, contistas e cronista, pretende-se analisar como a obra de arte plasma o seu meio, recria o seu tempo. Atentar-se-á para análise de como são apresentados os fatores sócio-culturais, os quais se entrelaçam à vida dos personagens do romance. Embasados nos pressupostos de Candido, haverá a busca para estudar “em que medida a arte é expressão de nossa sociedade e seu interesse pelos problemas sociais” (2000, p.19).

Talvez seja necessário empenho por parte da escola, de seus professores em tornar conhecida a obra de seus autores, para que se criem raízes, e possa ser um instrumento para a interdisciplinaridade e demais artes, uma vez que, para Candido, “o sistema simbólico cria novos recursos expressivos que promove integração entre os indivíduos nos valores comuns da sociedade, mas que também os diferencia em suas peculiaridades” (2000 p. 23). Ainda sobre a difusão dos bens culturais escritos, Regina Zilberman observa:

A sociedade dispõe de mecanismos que facilitam ou inibem a difusão de uma obra ou de um autor; analisa então as agências formadoras do gosto, relacionadas acima de tudo à crítica literária e à escola, concluindo que esta desempenha o papel mais determinante. (ZILBERMAN, 2004, p. 17)

O romance trabalhado, por ser longo tornou-se desafiador já que exige por parte do aluno o uso da memória, raciocínio, análise, reflexão acerca do mundo que o cerca, das relações entre as pessoas e com os objetos de consumo, natureza e, ainda, acerca de si mesmos. De acordo com Costa Lima:

O sujeito do prazer conhece-se no outro, traz a alteridade do outro para dentro de si, ao mesmo tempo em que se projeta nessa alteridade. Ora, nesta experiência assim complexa, o conhecimento só experimenta a diferença do outro a partir do próprio estoque de prenoções que traz consigo. (COSTA LIMA, 2002, p 47).

Leitura/Literatura: um momento para tomar fôlego, acrescentar experiências e novos conhecimentos, disciplinar-se para a concentração e memorização. A Literatura/leitura implica também na sensibilidade e habilidade do professor em saber conduzir o ato de leitura como algo prazeroso, tendo respeito pelo temperamento, gosto, personalidade e série em que está seu aluno. Além de que, a própria produção do educando é indicativa do maior ou menor amadurecimento enquanto leitor, para que seja possível, após isso, apresentar-lhe obras mais densas do que aquelas usadas para um diálogo inicial com o texto-autor-aluno-professor.

Para que se possa prever quais os textos, já existentes ou a serem escritos, que influirão de modo desejado sobre os esquemas de ação e de experiência do educando, a didática necessita de um instrumental adequado, para poder prognosticar as alterações do prévio conhecimento social dos educandos, provocados pela recepção do texto (GUMBRECHT, 2002, p.181).

Mas que critérios se pode ter para dizer que a obra de Pellegrini, Kollody, Snege, Woellner, Sampaio e outros são dignas do interesse do leitor? Pellegrini Júnior recebeu o Prêmio Jabuti, além de outros. Kollody tem sido reconhecida e Woellner tem seus textos traduzidos para vários países. Também é possível atentar para Costa Lima que, ao se deparar com o problema de como pode ser estabelecida uma avaliação da qualidade do escritor, afirma o seguinte:

Como, por exemplo, se estabelece o consenso sobre a excelência de um autor? Seria porque o horizonte de expectativas dos leitores se ajusta com o horizonte possibilitado pelo texto, numa espécie de contrato natural, ou por instâncias de poder específico - isto é, do poder literário – se não mesmo as inclinações políticas da sociedade se manifestam e/ou se orientam em favor da concessão daquele prêmio?[...] Na verdade, para o êxito ou fracasso de uma obra ou de uma corrente interferem inúmeras mediações, *a priori* não inumeráveis. (COSTA LIMA, 2002, p. 44 – grifo do autor).

A Literatura amplia o campo lexical do leitor, sua visão de mundo, sua análise crítica e determina um novo olhar sobre os inúmeros acontecimentos da atualidade, as instituições sociais, as diversas ideologias, permitindo-lhe pensar um projeto de vida, estabelecer interlocução com sua comunidade, consigo mesmo, sua família, amigos e, através do diálogo criado pelo próprio texto que leva a possíveis constituições de sentido no interior da obra literária a qual se faz ponte entre seu momento histórico e cultural. Neste contexto:

A estética da recepção pretende valorizar um elemento pouco considerado pela teoria da literatura: o leitor ou receptor do texto. Assim, sem eleger uma espécie de leitor ideal, os adeptos dessa corrente visam analisar as múltiplas interpretações, as diversas constituições de sentido suscitadas pelos textos, o que direciona o interesse dessas pesquisas para questões de natureza histórica e sociológica (SOUZA, 1991, p. 60).

Num país com grande diversidade cultural como o Brasil, tendo como base de sua formação uma multiplicidade de etnias, é de fundamental importância que a literatura sirva como um dos aparatos seguros à descoberta grandiosa de si mesmo, da riqueza do local em que em que se encontram os indivíduos, isto é, que seja possibilitada a construção de identidade de maneira lúdica e prazerosa, sem deixar de primar para a importância da Literatura enquanto ciência. Segundo Mesquita:

Todas as atividades que o inventar/narrar/ouvir/ler histórias podem ser associadas também à natureza lúdica do homem. É uma atividade muito presente em todas as situações do homem em sociedade. Sob as mais diversas formas, o fenômeno lúdico mantém um significado essencial. É um recorte na vida cotidiana, tem função compensatória, substitui os objetos de conflito por objetos de prazer, obedece a regras, tem sentido simbólico, de representação. Como realização, supõe agenciamentos, manipulações, mecanismos, movimentos e estratégias. (MESQUITA, 2003 p.8)

Nada impede que a literatura também envolva atividades lúdicas, buscando, conforme a citação acima, desenvolver um recorte na vida cotidiana e manter um determinado “significado essencial”. O romance perpassa o tempo e as culturas, traz o que é universal naquilo que une a humanidade. É possível que textos de autores do Estado possam ainda ser mais conhecidos e lidos por diferentes gerações, ganharem força ao longo da história de um povo que, como qualquer outro, quer ser reconhecida para que obtenha seu lugar merecido. “Por isso, a Estética da Recepção e suas vertentes providenciam um espaço, não mais novo, mas amplo para que se pense a literatura como categoria histórica e social e, portanto, em contínua transformação.” (ZAPPONE, p.162). Para Barthes a narrativa é própria do homem, independente da forma como é apresentada por ser uma necessidade humana para compreender o outro, a si mesmo e ao mundo em que se vive, “a narrativa começa com a própria história da humanidade não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa” (BARTES,1976, p.19). O presente estudo é um convite para o conhecimento da história do povo paranaense e reflexão sobre nossa produção literária, seja ela poesia, conto, crônica ou romance.

Ao apontar para a reflexão de como cada texto trata de forma diferente um mesmo tema, de acordo com suas especificidades, além de promover um diálogo criativo com o texto e a ampliação dos seus horizontes de expectativas. De acordo com Bordini e Aguiar, “a valorização das obras se dá na medida em que, em termos temáticos e formais, elas reproduzem alteração ou expansão do horizonte de expectativa do leitor por opor-se às convenções conhecidas e aceitas por esse”. (BORDINI E AGUIAR, 1993, p 83). Na aproximação com o texto, há a possibilidade de a historicidade de ambos vir à tona, mas, por outro lado, apresentando de maneira gradativa obras que propiciem desafio à compreensão do aluno, “para captar as diferenças de tratamento e a oposição entre o uso poético ou prático da linguagem” (BORDINI e AGUIAR, p. 84).

Literatura em sala de aula

Em sala de aula, o trabalho efetivou-se com a leitura de contos, crônicas, romance e poesia de autores paranaenses. Pode-se destacar Dalton Trevisan, João Manuel Simões, Domingos Pellegrini, Helena Kolody, Adélia Maria Woelner, Cristovão Tezza e Newton Sampaio, Paulo Leminski, Alice Ruiz e ligeiramente as

obras *Chove sobre minha infância*, de Miguel Sanches Neto, *O fotógrafo*, de Tezza; *Quadrondo*, *A árvore que dava dinheiro* (novela), *O caso da chácara chã*, *O homem vermelho*, esses últimos quatro de Pellegrini, além de *O olhar da alma*, poemas e fotos sobre Londrina de Domingos Pellegrini e Walter Ney, entre outros. A leitura do romance abriu o espaço para a arte literária paranaense e terminou com alguns enfoques sobre as obras lidas. Alunos com mais gosto para leitura leram outras obras, além da oferecida inicialmente, sendo que, em sala, foram trabalhados primeiro os textos curtos: conto, crônica e poesia, para novamente retornar-se ao romance, obra mais extensa por sua natureza, que, a princípio tornou-se desafiadora para a turma, *Terra Vermelha*, com 471 páginas, porém com linguagem marcada pela oralidade, fato que permitiu a determinados alunos, em pouco tempo, leitores mais hábeis e com mais gosto literário a leitura e apreciação de outras obras de escritores do Estado.

O conto e a crônica

O conto, de acordo com Gotlib, esteve presente em todas as épocas e em todas as sociedades, sendo parente próximo da novela e do romance, sempre reuniu pessoas para o ato de contar e ouvir. Muitas vezes, conta-se a história do próprio povo, tentando reconquistar um espaço cultural perdido. Gênero que tanto pode ser fácil: contar a história, quanto complexo: como contá-las, como prender o ouvinte, pois contar de modo literário é uma arte, onde “a primazia pertence ao espaço sobre o tempo” (p.64). Já a crônica, registro do circunstancial, segundo Sá, permite ao cronista agir de modo mais solto do que no conto, sem a preocupação de colocar-se na pele de um narrador, assim quem narra é o próprio autor, embora sem a densidade do conto, contudo “o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena de seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para depreender.” (p.10). Pode-se, então, dizer que a crônica é uma pintura da realidade a partir do olhar do cronista.

A literatura paranaense foi introduzida através do conto “Penélope”, de Dalton Trevisan, com o apoio do texto teórico da professora Sueli Aparecida da Costa enfocando a problemática da família na pós-modernidade, onde a personagem feminina, ao contrário da personagem Sherazade de *Mil e uma noites*, não emite palavra alguma, mas é esmagada pelo peso do ciúme do marido. Nem seu próprio

pensamento é revelado, o que instigou a curiosidade dos jovens estudantes, afinal, a mulher traía ou não o marido? Como outros textos de autores atuais do Estado. Em Trevisan, está presente a ironia e, como “se observa a construção da linguagem e a maneira como o autor apresenta fatos, criando um clima de suspense e expectativa”. (COSTA, p.3). Além de a nova ordem mundial interferir na vida pessoal, influenciando sobre o pensamento e comportamento humanos. “Trevisan apresenta uma característica negativa da instituição familiar e inverte os famosos ‘ finais felizes’, apresentando a miséria comum, os dramas e as frustrações do homem em sociedade.” (Costa, p.3). Sobre o suspense criado pelo autor, alunos do terceiro ano disseram que “o texto traz um gosto de quero mais ao ler a trama, já que desde o início o leitor fica entusiasmado em saber se realmente a esposa traiu o marido e querem saber a origem das cartas”. Possivelmente, o texto aponte também para o fato de que o casal morava “na rua de casas iguais”, de outra forma de organização do mundo em que se vive, em especial, em algumas camadas sociais, onde não se pode pagar pelo “diferencial” que, conforme o sociólogo: “Inevitavelmente, nossas vidas pessoais tem sido alteradas à medida que forças globalizantes penetram dentro de nossos contextos locais, em nossas casas, em nossas comunidades, através de fontes impessoais”. (GIDDENS, 2005, p.68). Outro aspecto a se destacar, é a violência praticada contra a mulher nos tempos atuais, como em outros e em diversas partes do mundo. Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, falando sobre o modo como se dão as relações familiares, declara “Os decretos dos governos nasceram em primeiro lugar da necessidade de se conterem e de ser refrearem as paixões particulares momentâneas” (HOLANDA, 2005, p.33). O conto, essa narrativa presente em todas as épocas e em todas as sociedades, em nosso Estado, marcou um tempo, identificou tipos humanos. No início do século passado, Newton Sampaio retratou a violência e a ignorância no trato com a criança órfã, conforme o texto “Tragédia nas Mãos”, drama semelhante ao de outras crianças da época. O autor coloca o sentimento da criança ao ser confrontada por algo que não fez: “(Os dentes da colegial fazem um barulhinho)”. (SAMPAIO, 2001, p.3). Newton apresentou características do modo de escrever e falar da época, alguns costumes, as contradições do sistema educacional, o uso da palmatória para castigar a menina inocente, por diversas vezes, “Maria da Luz” que tinha como marca de personalidade e caráter a sinceridade e a franqueza quanto ao que era ou fazia, sendo isso considerado irreverência e falta de respeito. Na carta ao pai, ela escreve

“*chorei porque nunca neguei minhas feitorias, mas agora não tenho culpa, juro por Deus.[...]Tive a impressão de que minha mão crescia mesmo, isso é câimbra.*” E, por medo, a menina parece abandonar esse plano da realidade pois, ao final do conto, sua mão “está caminhando no espaço, furando nuvens, furando tudo histericamente.” (SAMPAIO, 2001, p.3). Do mesmo autor, “Desvario”, narrativa sobre a moça muito pobre, Durvalina, a qual busca refúgio e alento no amor. Ingênua, boa e honesta mas, ao casar-se com Zeca, seu sorriso desaparece, as frustrações invadem-na com as bebedeiras e maus tratos do marido que, dessa forma, acabou por ser assassinado. Viúva teve novamente outro filho ainda fruto desse casamento, não belo como a primeira, mas um monstruoso aleijão que não lhe permitiu mais encontrar emprego. Mendiga, angustiada, endurecida, “miséria arrastada diuturnamente nas ruas” (SAMPAIO, 2001, p.2). Isso levou Durvalina a mergulhar o filho nas águas do “silencioso” Iguaçu, meter-lhe os dedos trementes na garganta e “Ayrton, [...] só deixa lugar aos bracinhos erguidos, que pareciam acenar ainda uma ameaça ou perdão.” (SAMPAIO, 2001, p.2) Nota-se, novamente, o olhar atento do autor para os mais desprotegidos, nesse caso, tanto mãe quanto filho são excluídos socialmente, especialmente o menino por apresentar certa síndrome. O conto marca também o grande preconceito da época em relação à criança diferente e a falta de assistência à família provocando na mãe drama profundo. Conforme Gotlib, o conto apresenta algumas características como a brevidade, o efeito, força, compactação, graciosidade, realismo e intensidade de sentimentos e vivências das personagens protagonistas às quais parecem presentes em Sampaio. A arte, conforme Candido, produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção de mundo, assim “Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas. (CANDIDO, 2000, p.20).” Newton apontou para as necessidades da gente do Paraná em seu tempo.

Além da análise dos contos, houve, a leitura dramatizada, onde é retratada a figura de um italiano aventureiro, primeiro a do pai, o Siciliano Pascoal, depois a do Filho, Fidélis, no conto “Seu Fidélis vai viajar”, o emigrante italiano é retratado na sua linguagem, modo de falar e gesticular, seus ideais políticos “*Evero! Si non fusse l'età, io faceva parti du ugrupo du Garibaldi, du grande Garibaldi, bra a conquista la Sicilia in tre mesi. In Tre mesi, eh, hai capito! Com Garibaldi era cosi. In ter mesi!*” (SAMPAIO, 2001, p.13-21). Já em *Terra Vermelha*, embora haja a presença do imigrante italiano, especialmente na família do nono José, a marca lingüística

italiana aparece de forma apagada, mas havendo, como em Sampaio, a presença da mala, das fotos. Esse último conto nos remete ao fato de que há no Brasil, no Estado, dois tipos humanos, um bastante trabalhador, outro sempre em busca de novas terras, novos lugares, buscando o desconhecido, as cidades. A presença, talvez, do progresso, da ciência, da tecnologia, do ganhar dinheiro fácil e, segundo Holanda:

Esse tipo humano ignora fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes. (HOLANDA, 2005, p.44).

Outro conto estudado foi, “A primeira Noite de Liberdade”, de Cristovão Tezza, atentando-se para os elementos da narrativa: narrador, enredo, personagens, espaço, tempo e diálogo. No texto, o narrador personagem: uma criança ingênua, descobre a morte, quando vê seu pai no caixão. O conto cria um certo suspense, onde a criança emite, na sua aparente inocência, alguns juízos de valor sobre o modo de agir das pessoas frente à morte e, dessa forma, cria-se um momento de epifania, que, segundo Cortázar “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta.” (Cortázar apud Gotlib, 2006, p.68). À *valorização da literatura paranaense em sala de aula*, acrescentou-se algumas crônicas de Jamil Snegne como “Pequenas Aprendizagens”, “Como tornar-se invisível em Curitiba”, “Cuidado, seu filho pode ser um intelectual” e “Onde você estava em 1500?” Estudo que possibilitou estabelecer brevemente algumas diferenças entre a crônica e o conto, uma vez que a crônica nos leva, com humor, à reflexão tanto de temas profundos quanto corriqueiros e prosaicos, verificando a presença do jornalístico na crônica, embora seja um texto literário. Muitas vezes até da linguagem poética, apontando para as características da cidade de Curitiba. Pode-se dizer que tanto as crônicas como os contos vistos têm atualidade temática a que os alunos do terceiro B, período da tarde, do Colégio Estadual Monteiro Lobato se referiram como “ Todos os autores paranaenses descrevem a realidade, colocam sua opinião, são criativos no desenrolar da história. Deveriam ter maior reconhecimento dentro do próprio Estado.” Em “Pequenas Aprendizagens”, Jamil trata da difícil e dolorosa descoberta do câncer, quando

descobre dois tipos humanos: aqueles que lutam contra a doença numa “relação de beligerância declarada” e “outras, ao contrário, que procuram descobrir o que o invasor tem a lhes dizer”. Em “Cuidado, seu filho pode ser um intelectual”, nota-se o tom irônico e amargurado do autor sobre o pouco investimento que tanto pais, professores e universidade têm tido no incentivo à leitura para os adolescentes e termina a crônica “Mas se não conseguir salvar seu garoto das garras da escritura, não se desespere. Um idiota a menos na família não faz qualquer diferença. (SNEGE, 2000, p.32). Em “Onde você estava em mil e quinhentos?” leva o leitor a um passeio pela história, estudos da genética e matemática, para conduzir o leitor à conclusão de que “Nada de dividir o mundo entre bons e maus, honestos e desonestos, superiores e inferiores. Nada de moralismo ranheta e preconceituoso. [...] Talvez nossa única grandeza resida exatamente na soma de pequenezas da qual somos feitos.” (SNEGE, 2000, pp.48-51).

Poética paranaense

A poesia pode trazer momentos de enlevo e deleite para o caminheiro cansado da jornada nos mais diversos embates e é, ao mesmo tempo, suave e penetrante, não força, não oprime, ao contrário, delicia o leitor como a leveza de uma brisa suave que traz refrigério ao fim do dia de árduo labor, devolvendo a cada um o significado de sua existência. É um respirar do espírito, é força capaz de transcender a realidade humana. Através da imaginação, a alma é tocada e revela toda sua dignidade, conforme Bachelard “é um compromisso da alma”. (p.334). Ainda segundo pesquisadores da Unioeste, Campus de Marechal Rondon:

Nesse sentido, pelo dueto poesia e imaginação o ser humano consegue dar forma às coisas mais sensíveis e inexplicáveis, pois a poesia é transcendência e vetor de operacionalização da imaginação - força dinâmica. [...] Ela possibilita a busca da identidade da natureza humana na multiplicidade significativa da palavra poética. (COSTA, CRUZ, 2006, pp.48-49)

Para o estudante leitor é um momento de alegria, prazer e descoberta, devaneio, conforto, sonhos, em que a imaginação ganha asas, voa às estrelas, sobe à lua, participa do fluxo de um rio e o cantar tanto do homem quanto da natureza, ou talvez a natureza que, na poesia seja resgatada, mimada, acalentada, diante de um mundo de concreto e violência no qual, muitas vezes, é negado ao ser a

refletividade de sua alma que canta e anseia por um novo cântico de paz, pois “No reino da imaginação absoluta, somos jovens muito tarde. É preciso perder o paraíso terrestre para vivê-lo verdadeiramente, para vivê-lo na realidade de suas imagens, na sublimação absoluta que transcende qualquer paixão.” (BACHELARD, 1974, p. 346). E, dessa forma, criando um ambiente enriquecido de lira no interior desse espaço escolar: a sala de aula.

O trabalho em sala de aula sobre o fazer poético do homem paranaense deu primeiramente vez para o haikai, poesia que nasce de uma cena ou objeto natural. No haikai, o homem é parte integrante da natureza, submisso a ela. Visão que se apresenta também na obra de Pellegrini, *Terra Vermelha*. O haikai tem um caráter simbólico atribuído a cada estação:

Primavera: alegria, renovação, amor, flores, juventude;

Verão: vivacidade, liberdade, calor, maturidade;

Outono: melancólica, decadência, nostalgia, colheita;

Inverno: tranqüilidade, reclusão, morte, repouso, frio.

(<http://www.kakinet.com>)

Pode-se citar Alice Ruiz e Paulo Leminski:

tantos outonos
em uma paisagem
chuva nos pinheiros (Alice Ruiz, 2001, p.39).

Haikai esse que remete a um dos símbolos do Estado do Paraná, bem como ao estado da alma da poetisa e observação, como na poesia japonesa, da presença da estação outonal, quando caem as folhas velhas num renovar da natureza e, quiçá, o estado de melancolia é reforçado pela imagem da chuva. Paulo Leminski, em seu haikai, fala de forma bela do aconchego e refúgio que representa o lar, necessidade básica do homem em qualquer tempo e lugar.

Tarde de vento
Até as árvores
Querem vir para dentro.
(<http://secretel.com.br>)

Como observaram os alunos, a poesia paranaense faz alusão à natureza, da qual brotam analogias, metáforas, personificações. No poema de Leminski, a casa se mostra um espaço de aconchego e refúgio. É provável que árvores aqui seria a imagem do homem enfrentando situações delicadas em sua vida, desejoso de encontrar o seu espaço, sua casa. Bachelard diz que “existe para cada um de nós uma casa onírica” (1974, p.365). Outra grande poetisa do Estado do Paraná é Adélia Maria Woellner, de quem é o poema “Herança”.

Óvulo da estrela
acariciado pelo sol,
fecundada fui
no útero da lua.

Sou filha do firmamento.
(WOELLNER, apud NEUKIRCHEN, 2007, p.74).

Segundo a professora Clarice Braatz Schmidt Neukirchen, “a lua é personificada como uma espécie de mãe da humanidade. São dois astros, lua e sol, que se unem, fecundando o eu lírico, que se considera ‘filha do infinito’.” Pode-se perceber em Woellner o amor ao nascimento da vida e ainda significar a vida internamente fecunda da própria poeta. Helena Kolody também apresenta o tanka, poesia concisa japonesa, onde apresenta algo superior à inteligência, que se atinge com a experiência, observação: “Sabedoria” para uma vida que se apresenta muito breve, sendo que o tempo e a brevidade são parte da temática de Kolody.

Tudo o tempo leva
A própria vida não dura.
Com sabedoria,
colhe a alegria de agora
para a saudade futura.
(KOLODY, apud CRUZ, 2004, P.2)

Conforme o professor Antonio Donizete da Cruz, o poema indica a necessidade de viver com sabedoria o tempo presente, o *carpe diem*:

Há uma perfeita relação semântica entre os versos do poema, mostrando que a vida é finita como as coisas que passam. O texto aponta para uma questão essencial: o ser humano tem um tempo a cumprir na existência. Por isso, a necessidade de se viver intensamente o presente, ou seja, o *carpe diem* é a tônica que

movimenta o poema e remete para a necessidade de se buscar com sabedoria de agora tendo em vista a saudade futura. (Kolody apud, CRUZ, p.3)

O poema de Adélia Maria Woelner, “Revelação II” leva o leitor a jardins de delícias, onde o tempo é abandonado para diluir-se no espaço. Também essa é visão de humanidade que se integra à natureza, como também ocorre na obra Terra Vermelha, de Domingos Pellegrini, demonstrando o amor do povo do Paraná ao lugar, ao ambiente que o cerca e à poesia que habita a alma de sua gente. No poema abaixo, metaforicamente, a autora fala da capacidade de se colocar no lugar de outrem para entender que as dificuldades nada mais são do que escadas para se atingir patamares maiores.

Revelação II

Atenta aos encantos
do jardim de magias
abandonei-me no tempo
diluí-me no espaço.
Fiz-me roseira
só para compreender
que os espinhos no caule
são escada
para alcançar a flor.

(WOELLNER, apud NEUKIRCHEN, 2007)

A busca da compreensão do sentido simbólico na poesia, nas reflexões feitas por cada um dos poetas, percebe-se a modernidade presente na poética paranaense. É possível atentar para a musicalidade, rimas, imagens, nomear os poetas de nosso Estado, observar suas inquietações filosóficas as quais perpassam a temática de tais autores, refletir sobre o papel da obra poética na produção de sentidos para a vida. O exercício da sensibilidade humana através de palavras, a busca da identidade significativa do fazer poético, bem como reconhecer na poesia uma das formas de suprir necessidades do espírito e, importante tarefa aos alunos, a de desenvolver habilidades orais como o domínio discursivo diante de um público. Com esse objetivo, os adolescentes apresentaram, através de cartaz ilustrado, para os demais colegas, tendo como apoio estudos de artigos científicos dos professores Antônio Donizete da Cruz, Sueli Aparecida da Costa, Clarice Braatz Schmidt Neukirchen, além de outros textos de livros e internet. Todos os poemas foram apresentados com bastante interesse tanto por parte de quem estava com a palavra,

como pelos ouvintes. Outro autor lírico paranaense é João Manuel Simões. A seguir tem-se o poema “Evocação da Infância”

No fim do mar,
muito longe, ficaram,
No espaço azul secreto
da distância,
doces ilhas,
pretéritas:
a casa, a igreja, a escola,
a infância.
Vejo-as com olhos de alma,
indistintas,
desta modernidade
que é meu porto.
Mas quem será que as vê,
de fato?
O adulto
Ou o menino morto?
(SIMÕES apud COSTA, CRUZ, 2006, p. 47).

Para a maioria dos adolescentes oriundos do interior do município de Céu Azul, essa linguagem ligada ao porto da natureza teve neles imediata identificação. Uma vez que o poema se faz ponte entre a vida passada do menino e a do homem adulto, pois conforme Cruz e Costa, a poesia “possibilita a busca da identidade da natureza humana na multiplicidade significativa da palavra poética”. (2006, p.49) Ainda sobre o poema, dizem os autores: “Verifica-se neste poema a (re) aparição da infância, como se o eu - lírico, ao recordá-la, sentisse saudade de um tempo que já passou, mas que deixou marcas indeléveis na alma.” (COSTA, CRUZ, 2006, p. 52). Mas será realmente que está morto esse menino ou revive através de sua lira? O poema “Viagem Infinita” de Kolody apresenta a vida como uma viagem passageira, onde o eu - lírico é atingido pelo mundo, morada transitória. Conciso, breve é o poema como é a vida.

Estou sempre em viagem,

O mundo é a paisagem
que me atinge
de passagem. (KOLODY, apud CRUZ, 2006, p. 4)

Em sala de aula, o ritmo, a melodia e musicalidade do poema estiveram presentes através do jogo lúdico com os alunos, com a omissão de palavras para

que os mesmos completassem e posteriormente fizessem a comparação com a produção do autor.

Vida
 Um ano a mais
 um ano a menos
 que diferença faz
 quando somos
 mais ou menos
 mais suaves
 mais sábios
 mais fortes
 e de mais a mais
 cromossomos
 (...)
 (WOJCIECHOSKI, <http://www.secretel.com.br>)

O poema “Prece” de Adélia Maria Wollner foi usado para que os alunos expressassem suas aspirações e sonhos:

Eu queria cantar o mundo
 com voz bem afinada
 e fazer ressoar meu canto
 em cada canto,
 em cada estrada.
 (...)
 Eu pedi a Deus tudo isso,
 pois queria enternecer corações
 encher a vida de alegria,
 colorir pensamentos
 e despertar emoções...
 (...)
 (WOELLNER, <http://www.protexto.com.br>)

O seguinte fragmento pode mostrar como os alunos do terceiro B, Monteiro Lobato, completaram o texto:

Pedi a Deus tantas coisas
 e hoje estou aqui.

Diferente de tudo que eu quis
 a outro caminho Deus me levou
 Mas estou feliz.

Porque na poesia
 posso cantar, posso tocar
 posso até ser pintor
 apenas com palavras

deixando o amor pairar
transmitindo sentimento...
Mas sabendo...
Que tudo, se vai com o tempo!...

Outro aluno, através de seu texto, demonstrou ter entendido que há na poesia uma função transcendental:

Pedi tanto tanto,
Que lágrimas
caíssem dos meus olhos
e regaram minhas mãos

cheias de esperança.
Esperança de alcançar
sonhos, alegria, realizações

Por isso busco incessantemente
conceder às pessoas, por meio de
palavras, expressões, canções, conceder
um sorriso no rosto, um sorriso
que transcende a alma e o espírito. Um sorriso capaz de
despertar a perseverança que
estava perdida, em meio à
desilusão.

Sobre o fazer poético, foi dado aos alunos do terceiro B, período da tarde, o seguinte fragmento de Alice Ruiz, para que dialogassem com a poeta dando-lhe uma resposta à sua pergunta: *“Mas o que faz de alguém um poeta? Quais são os caminhos, as buscas, os estudos, as leituras, as inquietações que estão por traz da escritura? (LEMINSKI, 1997, p. 9)(Grifo nosso.)*

O que faz de alguém um poeta é o desejo de transmitir as outras pessoas o seu pensamento, a sua visão das coisas, transmitir com as palavras e, através de rimas, os mais diferentes lugares, pois com uma poesia, imaginamos perfeitamente o lugar, a paisagem ao qual o poema faz referência e, por meio da nossa criatividade e imaginação nos “transferimos” para esse lugar. Um poeta nunca se cansa de adquirir mais conhecimentos, enriquecer sua sabedoria, pois através das leituras, das viagens a lugares que se comparam a “paraísos”, que o poeta traz à tona a sua inspiração, transformando os seus sentimentos em poesias. Por trás de cada escrita, acredito, está o desejo de melhorar o mundo e mostrar que o ser humano é criativo. (aluno, 3º B, Monteiro Lobato, Céu Azul).

A aluna Tatiane sentia grande dificuldade em escrever tanto textos narrativos quanto opinativos, porém após essas leituras expôs o seguinte:

A vontade de seguir adiante sua vida, expressando seus sentimentos (tristeza, amor, alegria, saudade, angústia, etc.) Muitas vezes em palavras bonitas, doces e leves ou em palavras com uma expressão pesada. Um grande caminho por traz da escrita é a inspiração, concentração, vocabulário rico para poder expressar o sentimento em pequenas palavras. (aluna do 3ºB, Monteiro Lobato).

Expressando sua identidade com o fazer poético, com o poeta que há dentro de cada um, a aluna expressa:

No fundo, no fundo, todos somos poetas, só que não são todas as pessoas que o expressam. Há pessoas que se destacam mais e outras menos. Por traz da escritura, estão nossas vidas, pois para chegarmos até lá percorremos muitos caminhos, realizamos várias buscas, estudos, leituras. A escritura é muito importante para nós, ela faz parte de nossas vidas. Através dela, ampliamos nossos conhecimentos, trilhamos novos caminhos... (aluna do 3º B, Monteiro Lobato).

O aluno William neste pequeno trecho exprime também o seu sofrimento diante da vida, como também fazem os poetas:

Eu acho que para ser um poeta é necessário haver um dom, pois os grandes poetas o que eles fazem não é uma simples poesia, mas sim uma obra de arte. Os caminhos para tal glória é a leitura, mas também por todas as poesias há uma pessoa que viveu e sofreu o canto cantado na poesia.” (aluno do 3º B, Monteiro Lobato).

Houve ainda quem viu na poesia uma atitude filosófica diante da vida:

Talvez o que faz de alguém ser poeta é descobrir que seus estudos trazem sentimentos e busca o que vem de dentro, traz incertezas, faz refletir a vida, faz questioná-la e trata do espiritual. Talvez um poeta não seja um simples poeta, mas sim um grande sábio, conhecedor das coisas do coração, ou seja, um filósofo. (aluna do 3º B, Monteiro Lobato).

Cruz e Costa, teóricos e professores do Oeste do Paraná, também respondem ao questionamento da poetiza: “Os poetas conseguem trazer para o espaço do poema o mesmo “maravilhamento” da infância, ou seja, eles despertam a cosmicidade da infância, unindo imaginação, memória e poesia.” (p.53) Diante disso, pode-se dizer que cabe ao professor manter acesa a chama poética que há em cada criança/adolescente não deixando apagar a lira dada a cada um, através da leitura e produção de poemas em sala de aula. O poeta João Manuel Simões responde à indagação poética de Alice com seu verso:

[...]
Que busco no verso
Que em mim não possui?
Sou no mundo imerso.
Meu corpo flutua.
(SIMÕES, apud Costa e Cruz, p. 56)

Conforme Cruz e Costa, Simões pertence ao rol dos poetas da modernidade, por seu fazer poético voltado às questões metafísicas, busca do tempo original e questões da existência humana. Cruz diz mais, “a poesia é capaz de comunicar uma profunda consciência do sentido da vida e seus mistérios...” e, sobre a poética de Kolody, diz que “remetem às profundas reflexões sobre o sentido da existência.” (CRUZ, 2004, p.26). A poesia é um meio de o poeta estar ligado à sociedade através de sua produção artística, assim afirma Neukirchen “As crenças e inquietudes de uma sociedade podem ser observados nos poemas dos autores que dela fazem parte, mesmo que de forma implícita.”(NEUKIRCHEN, 2007,p.8). Ao considerar os estudos de Bachelard em *A Poética do Espaço*, pode-se entender que “O poeta não me confia o passado de sua imagem e, no entanto sua imagem se enraíza, de imediato, em mim”, (p.342). A poesia é elemento fundamental para a construção da identidade humana, uma vez que dela se apropria o leitor para refletir sobre sua própria existência, seu fazer, seu agir no mundo, uma vez que a poesia fala “direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade.” (Bachelard, 1974, p. 324). Possivelmente, o fazer poético seja, dentre as obras de arte literárias, aquele que maiores possibilidades apresente para um diálogo com o leitor cujas páginas lidas conferem ressonância ao coração do homem que sente como se aquele texto tivesse sido escrito para ele próprio, como se fosse um de seus momentos ali expostos no papel a jorrar para seu labirinto interior onde talvez poucos consigam chegar, ali chega a arte poética, a lira, ultrapassando os limites pensados pelo seu autor, trazendo “uma felicidade que lhe é própria” (Bachelard, 1974, p. 350). Enfim, o leitor sente como se tivesse participado do processo de criação do livro e, segundo o teórico, “o poeta será sempre mais sugestivo que o filósofo. Ele tem precisamente o direito de ser sugestivo” (BACHELARD, 1974, p. 389). São os poetas que ajudam a descobrir a alegria, a contemplação, a imensidão do universo, ou do espaço interior humano, causando a impressão de grandeza de seres únicos e, por isso, especiais nessa nave que se chama vida.

O romance paranaense

O trabalho em sala de aula, iniciou-se com a leitura da obra *Terra Vermelha*, romance épico paranaense, apesar disso, alguns alunos, após acabarem a leitura da obra pediram por outras. Quando foram oferecidas aos mesmos: *Quadrondo*, *A árvore que dava dinheiro* (novela), *O homem vermelho* (contos), *O caso da chácara chã*, *Meninos no Poder*, do escritor londrinense com mais de 30 obras publicadas, Domingos Pellegrini; *O Fotógrafo*, de Cristovão Tezza, escritor curitibano, entre outras. No romance, pode haver a possibilidade de um olhar que se distancia do objeto, ou de si mesmo, vendo sobre a ótica do outro, para buscar reconhecimento da existência. Para Costa Lima:

A experiência estética, portanto, consiste no prazer originado da oscilação entre o eu e o objeto, oscilação pela qual o sujeito se distancia interessadamente de si, aproximando-se do objeto, e se afasta interessadamente do objeto, aproximando-se de si. Distancia-se de si, de sua cotidianidade, para estar no outro, mas não habita o outro, como na experiência, pois o vê a partir de si. (COSTA LIMA, 1979, pp.46-47)

A primeira obra, *Terra Vermelha*, traz à memória a história do povo do Paraná ou seja, a obra de arte se inspira na experiência coletiva, traz à tona a história, a memória do ser. Nesse sentido a obra, conforme Candido, espelha a sociedade deste Estado em suas peculiaridades, reforçando o sentimento dos valores sociais de sua gente. Alzira Fabiana de Christo, em sua tese de mestrado sobre A narrativa de Miguel Sanches Neto, *Chove sobre minha infância*, escritor paranaense, escreve:

Ao rememorar acontecimentos, fatos, lugares e sentimentos, o homem cria a possibilidade de explicar aquilo que faz parte de sua existência, das suas experiências, da sua subjetividade, quer dizer, a sua essência e o que há de mais profundo na sua constituição, portanto, sua identidade. (2007, p.14)

A aluna Daiane, do terceiro B, assim resumiu a obra *Terra Vermelha*:

O livro *Terra Vermelha* conta a saga de um dos colonizadores da cidade de Londrina, no norte do Paraná. Este se chama José e mora em Rafard, se apaixona por Tiana da cidade rival a dele, chamada Capivari. Essa rivalidade é atribuída à questão que, uma cidade era mais desenvolvida que a outra. O casal passa por muitas mudanças

no decorrer da história. José Pelegrini é um homem com muitos talentos, mas não consegue desenvolvê-los, pois ao se casar com Sebastiana (Tiana), o casal sai da cidade onde morava, uma vez que, José se envergonha de sua família e da sua esposa, por depender financeiramente da mesma. Ele não consegue trabalho que se ajuste a sua vida e Tiana, símbolo de força que sustenta a família, faz doces e guloseimas para vender. O casal quer ir para Londrina, pois muitas pessoas da época dizem que a cidade era ótima para se morar, uma terra boa, em todos os sentidos. No entanto, ao chegar a terra tão sonhada, não foi tão fácil assim. O casal passa por inúmeras dificuldades, passa por inúmeras cidades até chegar à Londrina. José e Tiana no decorrer dos fatos passam por muitas alegrias e tristezas, mas sempre juntos. José não consegue ingressar num trabalho duradouro, tenta um trabalho na farmácia, açougue, bar, pedreiro, etc., mas não leva vantagem em nenhum, e como sempre sua esposa é tida como o verdadeiro “pai” de sua família. Apesar dos problemas, José Pelegrini é um homem muito inteligente, tem o dom da Palavra, sabe se expressar muito bem. Tenta ingressar na vida política, mas não tem muito sucesso. Então, ele e Tiana abrem uma hospedaria que gerou muito lucro, pois a corajosa mulher levava muito jeito no quesito “cozinha”, e sua hospedaria ficou muito conhecida e freqüentada. Várias pessoas assim como eles que vieram tentar uma nova vida ali, gostavam muito de se hospedar na hospedaria, logo que, é um lugar muito confortável e aconchegante. José algumas vezes traiu sua esposa, mas no final tudo se resolvia e os dois se amavam como da primeira vez. Contudo, em uma dessas traições, o mesmo, contraiu uma doença muito séria: a Gonorréia, mas conseguiu se tratar. José Pelegrini se destacou como Corretor de Imóveis e assim ele e Tiana conseguiram uma vida estável financeiramente, isso antes era impossível e muitos duvidavam inclusive sua família e amigos. O tempo passou e o casal foi envelhecendo, seus filhos crescendo, casando. Até que vieram os netos, e só iam ficando as lembranças de um passado sofrido, porém sem sucesso. No amor a seus filhos, José deixou a desejar, deixando muitas vezes de se dedicar em uma família unida como de costume. Contudo, nota-se que por tal fato no final de sua vida, estando em um leito de hospital, seus filhos já brigavam por sua herança. Tiana, já de certa idade fica com Diabetes devido aos doces que fazia. A doença dificulta sua visão, fazendo-se necessário realizar uma cirurgia. Tiana acaba morrendo antes mesmo de seu marido e “amado” José. Este fica desconsolado e com o passar do tempo adoce cada vez mais, ficando 6 dias e 7 noites na UTI de um hospital imóvel. Acaba morrendo, e assim descansa em sua tão sonhada Terra Vermelha.

Como expressou Daiane, o fio condutor da história é o casal José e Tiana, assim, por se tratar de obra extensa, pode-se apenas estudar parte da obra, especialmente o personagem protagonista José, elo de ligação entre todos os outros personagens, ambiente e espaços. Fez apenas curso primário, foi tropeiro, cortador de cana, onde o chamaram de Zé do Facão, e, ao namorar Tiana, Santo José, por ter que aquietar suas emoções e por acompanhá-la nas festividades religiosas na

Igreja de São Benedito. Em sua família o chamam Guiseppe, nome que ficará para traz na história, uma vez que o afastamento das famílias e locais de origem irá lhe emprestar novos nomes. Casa-se ainda jovem, aos vinte anos, quando tem que quebrar pedras, trabalhar como carroceiro, fazer pequenos serviços, ser um mau marceneiro, sentindo-se fracassado por não conseguir terminar um móvel direito (p.64). Coloca um pequeno comércio, mas todos querem fiado, vende canecas de lata de óleo construídas por ele mesmo. Após tantas experiências fracassadas, chora “naquele dia chorou na escuridão da venda” (p. 69), e, na tentativa de fugir de seus fracassos, participa da revolução na década de 30. Ao retornar vê o filho, mas não consegue com ele ter intimidade, sente-se ainda um derrotado, embora a cidade veja nele um herói, contudo, logo se transforma no José da Maria Doceira e, mais tarde, auxiliar de Tiana “atendia na portaria, varria o corredor, ia comprar mantimento, consertava cama e fechadura; era guardador de malas, entregador de toalhas, descascador de batatas, limpador de privadas...” (p.131).Tenta a farmácia, mas é passado para traz pelo sócio, jóquei, açougueiro, herói da balsa. Isso tudo até chegar a Londrina, período após a crise de 1929. Nota-se que José, embora pobre, enriquecia-se na convivência com o mundo, com o outro, através das diversas de profissões e pessoas com as quais convivera. Nesse espaço, delineia-se a identidade de José e Tiana, os quais parecem representar muitos dos que vieram morar no Estado do Paraná, sendo eles imigrantes de outros países ou estados, representavam também a unificação de forças presentes nas etnias de Londrina bem como em todo o Estado. Desse modo, vê-se o romance em consonância, com o que afirma Candido:

A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos criador com o público [...] da obra, que esculpe na sociedade as suas esferas de influência, cria o seu público, modificando o comportamento dos grupos e definindo relações entre os homens. (CANDIDO, 2000, p. 74).

Espaço em que tudo é novo, onde há a exuberância da natureza, onde outras gentes chegam com a intenção de realizações econômicas, sociais e afetivas, chegam os Pellerini. A história da família é muito próxima à história de muitos outros paranaenses, trazendo à tona a identidade daqueles que, de uma forma ou de outra, criaram raízes no Estado e fizeram história sem dependerem da própria família , mas construindo sua vida. Lugar em que Tiana, possivelmente levada pela sua

intuição feminina, leva o marido ao uso do terno e gravata, dando-lhe uma nova aparência em virtude do que viria pela frente. É a mulher que acredita no homem amado e lhe demonstra isso, por um lado; por outro é sua capacidade de olhar profundamente para José, vendo nele um homem capaz. Dessa forma, vemos um José que se impôs aos cidadãos de Londrina, tanto por sua aparência – uso de terno e gravata – quanto pela profissão que exercia – corretor de terras – fato que contribui para que o chamassem até de doutor e o convidassem para cooperar nas mais diversas atividades sociais, embora houvesse nele certo saber, pois ao morrer, o neto irá descrevê-lo como um grande leitor. De acordo com o autor de *Raízes do Brasil*:

...os indivíduos mudam de atividade com uma frequência que desvenda essa busca de satisfação meramente pessoal. Daí valorizarem-se as profissões liberais que, além de permitirem as manifestações de independência individual, prestam-se ao saber de fachada. (HOLLANDA, 2005, p.17).

Sérgio Buarque de Holanda menciona dois tipos de homens na formação do Brasil, o tipo aventureiro, que aparece em Newton Sampaio, no conto “Seu Fidélis vai viajar” e outro trabalhador. O aventureiro seria aquele que quer “colher o fruto sem plantar a árvore”, fato que se verifica em *Terra Vermelha*, quando somente vó Sebastiana plantava temperos e os vizinhos vinham pedir de tudo, mas em suas casas não plantavam nada. Fato legitimado no ensaio do historiador, através da afirmativa “Todos queriam extrair do solo excessivos benefícios sem grandes sacrifícios” (HOLLANDA, 2005, p. 52) Observado até mesmo no personagem José Pellerini, que se identificava como um homem de trabalho e por acreditar na honestidade. Enquanto o tipo aventureiro ignora fronteiras, buscando sempre novos espaços “Vive em espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes” (HOLLANDA, 2005, p. 44) José, ao contrário, iniciou sua trajetória juntamente com Tiana, os mais bravos no corte de cana entre as cidades rivais Rafard e Capivari, sente-se, mais tarde, desacreditado, inútil, um “vagabundo” aos olhos de ambas as famílias, por não ser visto nem como homem vencedor, nem um trabalhador digno. No entanto, em parte, o nono José, tem em si também a semente do homem aventureiro, do homem que amplia seus horizontes e projeta seu futuro numa nova cidade, no Norte do Paraná, Londrina, bem planejada e fundada por ingleses, cujas marcas perpetuam-se até hoje, havendo nele, portanto, traços do imigrante italiano

que buscava a amplidão para o olhar. Irá ele adquirir terras, sobrevoar sobre muitas áreas. Acaricia a terra tanto pelo olhar quanto pelo tocar e por ela também ama e sofre vendo muitas matas e florestas sendo destruídas em favor da industrialização e urbanização do Estado, que, ainda conforme Holanda, “A abundância de terras férteis e ainda mal desbravadas fez com que a grande propriedade rural se tornasse, aqui, a verdadeira unidade de produção.” (p.48) A questão da mudança de vestes de José Pellerini é estudada pelo sociólogo Gilberto Freire que demonstra o quão importante era para o homem do Brasil a aparência “dentro do sistema patriarcal, torna-se uma vergonha o homem parecer-se com mulher e, uma impropriedade, a mulher parecer-se com homem. (p. 129). Heróis rejeitados em sua comunidade de origem, Tiana e José representam a união de dois brasileiros fortes e valentes que, isolados do grupo, porque não foram fiéis às tradições de “Capivari” e “Rasfald”, necessitaram, dentro da modernidade, buscar um novo espaço, onde surgisse uma nova identidade, a do pioneiro, do homem de negócios. Porém esse mundo em constante e acelerada mudança alterou o cotidiano amoroso do casal, roubou-lhes o pertencimento de um ao outro – “Isolamento existencial” não é tanto uma separação do indivíduo dos outros, mas uma separação dos recursos morais necessários para viver a existência plena e satisfatória. (GIDDENS, 2002, p. 16) - como ainda dos próprios filhos, para estarem presentes em muitos lugares sociais, enquanto os filhos se criaram sem o sentimento que os identificava como filhos de José. Seria o neto quem se identificaria com o avô.

É possível, através da Literatura, pensar-se no fortalecimento da idéia de pertencimento a um povo, a uma cultura, a uma nação, sem deixar de apontar para a importância nas relações familiares, embora haja uma crise a nível mundial, acerca de si mesmo, do outro, e da própria identidade, uma vez que para o sociólogo:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2005, p. 13).

Aos quarenta anos, era corretor de terras, mas o dinheiro não lhe trazia a satisfação desejada “Jose, corretor de terras, rico aos quarenta anos, dono de tantas

datas na cidade e sítios de mata virgem em toda a região, valorizando todo dia cercados de cafezais, de modo que, um dia fez as contas, amanhecia sempre pelo menos um por cento mais rico.” (p.358). Na verdade, José nega valores e teorias modernas capitalistas. O herói, em muitos momentos, com uma sensação de vazio interior, se questiona sobre seu papel nesta vida, como se a luta pela posição social, pelo equilíbrio financeiro lhe tivessem roubado outros bens importantes ao coração. Quando José é enterrado “os passarinhos cantam no cemitério” há aí a idéia de comunhão e entrelaçamento do homem com a natureza sendo invertidos os papéis na visão do protagonista. “O homem é o bicho mais complicado e só pelo coração tem conserto” (p. 441). Podia, o homem apegado a este solo, ver as terras do Paraná sendo desmatadas ano após ano “... florestas que não podendo dominar, ou não sabendo utilizar, resolveu destruir, assimilando com incrível rapidez e facilidade os métodos aniquiladores das coivaras... (MARTINS, 1989, 25). Com a modificação da paisagem, a cidade a cada ano ganhando novas arquiteturas, trazendo a modernidade para o interior paranaense, tirou-se também a paz primitiva que a natureza pode dar ao homem. Nesse sentido, não somente animais foram desalojados, mas o homem especialmente o homem ficou sem sua primeira cabana na terra em estado natural:

No vasto mundo do não-eu, o não-eu dos campos não é o mesmo que o não-eu das florestas. A floresta é um antes-de-mim, um antes-de-nós. Meus sonhos e minhas lembranças acompanham os campos e as pradarias durante todo o tempo da lavoura e das colheitas. Quando se abrandam a dialética do eu e do não-eu, sinto as pradarias e os campos comigo, no comigo, o conosco. Mas a floresta reina no anterior. Em determinado bosque que conheço, meu avô se perdeu [...] Essa é minha floresta ancestral.” (BACHELARD, 1974, 477).

Em *Terra Vermelha*, há um homem que caminha para o progresso e conquista e outro que contempla a natureza como a primeira e mais amada de todos os amantes e, nessa relação, Tiana aparece como metáfora da flor da terra, uma flor branca, forte e, como o solo de onde tirou seu sustento, onde deixou muitas sementes de esperança, de trabalho e presença feminina. Ao morrer ela “abre os olhos e fala olhando o teto: __ Só a terra-vermelha dá rosa branca...” (p. 449).

Porém, José deixa no testamento aquilo que gostaria de ter plantado no coração de cada um de seus cinco filhos e, contudo, não conseguiu, então, ao morrer solitário em seu sonho, José usa de um instrumento de poder que, para os

que nasceram entre as primeiras décadas do século xx, ainda que parecesse paradisíaco muito do que se tinha brotava na natureza, conforme o fragmento do poema “Lembrança do Mundo Antigo”:

Clara passeava no jardim com as crianças.
 O céu era verde sobre o gramado,
 a água era dourada sob as pontes,
 outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,
 o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,
 a menina pisou a relva para pegar um pássaro...
 Carlos Drummond de Andrade (<http://www.ged.lettras.ucb.br>)

Eram cores e brilhos e vida que se davam aos cinco. Tempo em que havia uma natureza sábia, pois “ o ipê sabe quando deve florir.” (p.365). “Quando entro na mata, tem bando de borboletas que pousam em mim, e só em mim, acredita” (p.391) – Fala de Gustavo Góis - Especialmente o herói se vale de um instrumento de capitalismo para tentar ou purificar sua consciência contra o que praticava o sistema capitalista em relação à terra de maneira tão acelerada, enquanto havia um mundo em guerra e caótico. Recriar esse mundo quase impossível, buscando restabelecer parte da ordem perdida. O nono José, ao mesmo tempo em que demonstra fidelidade a seus valores pessoais, atenta seu olhar e ouvido para outros discursos e fazeres. Homem contemporâneo desacreditado das instituições, como se o progresso científico e tecnológico houvessem atropelado as relações humanas, especialmente as familiares. Sobre a filha mais nova: “ uma boneca cercada de luxo, enquanto o marido negocia [...] viaja sempre, até mesmo no Natal tinha compromisso importantes” (p.416). E, à beira da morte, seus cinco filhos pensando na fortuna que herdarão, abrem o testamento, antes de abrirem a sepultura “ O doutor estende a mão, pega o envelope” (p.466).

Sobre *A valorização da Literatura em sala de aula*, há a seguir um dos fragmentos apresentados pela turma em que houve a implementação:

Durante esse semestre foram abordados temas que contribuíram para o aprofundamento do conhecimento da nossa região, mostrando que temos escritores paranaenses que são tão bons quanto qualquer outro escritor [...] que produzem os mais variados gêneros literários: conto, crônica, poesia, romance, entre outros mais, que abordam temas do cotidiano e estão ligados com a vida e com a terra, com a nossa “Terra Vermelha” e fértil. [...] são raras as vezes em que ouvimos falar de um poeta que seja aqui de nossa região [...] escrevendo poesias que fazem as pessoas pararem e refletirem após lerem. A sala de aula é, com certeza, um espaço

onde há troca de idéias, e é o local ideal para o reconhecimento da nossa cultura, e foi nesse espaço que houve o debate da obra *Terra Vermelha* de Domingos Pellegrini. [...] (que) retrata de modo fiel os pioneiros... [...] O debate sobre a literatura da nossa região, com certeza, mudou o pensamento de vários alunos, pois o preconceito que poderia existir antes foi superado a partir do momento em que começamos a descobrir que nossa cultura não é inferior.” (fragmento de aluna do terceiro B, vespertino, Monteiro Lobato, Céu Azul, Paraná)

Conclusão

O presente trabalho trouxe alguma noção da criação artística do Estado do Paraná, quais são seus autores, quais professores desenvolvem pesquisa nesta área, porém sabe-se que entre os professores de Língua Portuguesa do Ensino Básico poucos há que conheçam tais materiais, pois muitas dessas pesquisas são recentes, embora os escritores do Paraná produzam há certo tempo. O trabalho ora presente teve a intenção de trazer uma visão panorâmica a respeito da produção artística literária: conto, crônica, lírica, romance, novela e outros. Durante a implementação sobre a *Valorização da literatura paranaense em sala de aula* despertou, de certa forma, o olhar tanto de professores que lecionavam para a turma, quanto da direção e equipe pedagógica, mas especialmente de estudantes, que, com certeza, estarão procurando por obras de autores do Estado do Paraná.

NOTAS

Agradeço a Deus por ter alegrado meu coração e à professora Clarice pelas orientações sábias.

¹ Professora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná, professora PDE.

Clarice Braatz Schimidt. Neukirchen. Mestre em Letras pela UNIOESTE. Professora do curso de letras da UNIOESTE, Campus Marechal Candido Rondon. Professora Orientadora.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. Lembrança do Mundo Antigo. Disponível em <http://www.ged.letras.ucb.br>, acessado em 16/02/09.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da Literatura*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade. Estudos de Teoria e História Literária*. 8. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

COSTA, Sueli Aparecida da. Disponível em <http://passeiweb.com>, acessado em 28/05/08

COSTA, Sueli Aparecida da. CRUZ, Antônio Donizete da. *Revelação poética e viagem interior na lírica de João Manuel Simões*. Disponível em: <http://www.cei.unir.br>, acessado em 06/06/09

CRISTO, Alzira Fabiana de. *A narrativa de Miguel Sanches Neto: Memória e Identidade*. Tese de Mestrado. Cascavel. 2007.

CRUZ, Antônio Donizete da. *A poesia de Helena Kolody: Busca essencial*. Disponível em: <http://usinadeletras.com.br>, acessado em 05/06/08

BARTES, Roland et al. *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*. In: *Análise Estrutural da Narrativa*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2002.

_____. *Sociologia*. Tradução de Sandra Regina Netz. 6.ed. Porto Alegre: Artemed, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 12 e. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOTLIB, Nádya Battela. *Teoria do Conto*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GUMBRECHT, Hans Ulrich et al. Sobre os interesses cognitivos, terminologia básica e métodos de uma ciência da Literatura fundada na teoria da ação. In: *A Literatura e o Leitor - Textos de Estética da Recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 1. ed. São Paulo: Editora Abril, 1974.

LIMA, Luiz Costa. *O Leitor Demanda (d)a Literatura, e Prefácio à 1ª edição*. In: *A Literatura e o Leitor – textos de Estética da Recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

LEMISKI, *Poesias*. Disponível em: <http://www.secretel.com.br> e <http://www.fabiorocha.com>, acessado em 04/06/08

LEMISKI, Paulo. *Ensaio e Anseios Crípticos*. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.

MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente*. 2. ed. São Paulo. T. A. Queiroz, 1989.

MESQUITA, Samira Nahid de. *O Enredo*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2003.

NETO, Miguel Sanches. *Chove sobre Minha Infância*. ed. São Paulo: Record, 2000.

NEUKIRCHEN, Clarice Braatz Schimidt. *A Feminilidade Lunar na Lírica de Adélia Maria Woellner*. Disponível em:
e-revista.unioste.br e <http://www.usinadeletras.com.br>, acessado em 05/06/08

NEY, Walter; PELLEGRINI, Domingos. *O olhar da Alma*. ed. Londrina: Midiograf, 2006.

PELLEGRINI, Domingos. *Terra Vermelha. Romance Épico Paranaense*. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

_____. *Quadrondo*. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007

_____. *O Homem Vermelho*. Civilização Brasileira, 1979.

_____. *O Caso da Chácara Chão*. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TEZZA, Cristovão. *O Fotógrafo*. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 2004.

_____. *A Primeira Noite de Liberdade*. Curitiba: Edições Buquinista; Fundação Cultural de Curitiba, 1994. In: FARACO, Carlos Alberto. *Português: língua e cultura, ensino médio, 1ª série*. Base Editora, 2005.
<http://www.kakinet.com>, acessado em 30/05/2007

ROLIM, Carvalho Rivail. *O Policiamento e a Ordem. Histórias da Polícia em Londrina. 1948 – 1962*. ed. Londrina. Universidade Estadual de Londrina, 1999.

RUIZ, Alice S. *Desorientais*. 4. ed. São Paulo: Editora Iluminuras. 2001.

_____. <http://secretel.com.br>, acessado em 25/05/07

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

SAMPAIO, Newton. *Contos Reunidos*. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

Snege, Jamil. *Como tornar-se invisível em Curitiba*. ed. Curitiba: Criar Edições. 2000

WOELLNER, <http://www.protexto.com.br> acessado em 30/05/07

ZAPONNE, Mirian Hisae Yaegashi et al. *Estética da Recepção*. In: *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*.Org.: Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin. 2ª. ed. Maringá: Eduem, 2005.

ZILBERMAN, REGINA. *Estética da Recepção e História da Literatura*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2004.

